
Temporalidades da dor: performance, memória e melancolia em Kid Cudi e Kurt Cobain¹

Natalia Lima Amaral²
Universidade Federal de Ouro Preto – UFOP

Resumo

Este trabalho é parte de uma pesquisa em desenvolvimento que propõe analisar a performance do rapper Kid Cudi no programa *Saturday Night Live* (2021), onde ele reinscreve esteticamente a dor e a melancolia associadas ao ídolo grunge, Kurt Cobain, em um corpo negro. A partir dos estudos de Muniz Sodré (2008), é proposto que a homenagem de Cudi ativa uma memória afetiva cultural, que descola símbolos da branquitude do grunge e tensiona narrativas de raça, gênero e sofrimento mental neste cenário. Assim, busca-se os estudos de Fisher (2020), Hall (2003) e Rancière (2005) para compreender como a performance produz novos sentidos no campo midiático ao estetizar o sofrimento como linguagem política. Nesse contexto, a dor passa a ser uma estratégia simbólica de resistência, memória e presença.

Palavra-chave: performance; melancolia; estética da dor; memória cultural; kid cudi.

A pesquisa analisa a performance de Kid Cudi no *Saturday Night Live* (SNL), em 11 de abril de 2021, cujo figurino em tributo a Kurt Cobain mobiliza memórias afetivas que reinscrevem dor e melancolia na atualidade. Em “*Tequila Shots*”, ele usou um suéter verde similar ao Acústico MTV de 1993; em “*Sad People*”, um vestido floral de Virgil Abloh. Parte-se do pressuposto de que a dor é mediada pela cultura e identidade, performada como linguagem. Mais que homenagem, a estética da dor é articulada como experiência compartilhada, reconfigurando o afeto do grunge em um corpo negro que rompe o estereótipo da dureza com a potência do sensível (hooks, 2022).

A pesquisa se apoia em três eixos: 1) estética e afetos na mídia (Sodré, 2008); 2) melancolia como experiência cultural (Fisher, 2022; 2020; Pelbart, 2019); e 3) estudos culturais (Hall, 2003; Bhabha, 1998), com Kehl (2009), Huyssen (2014) e Rancière (2005) sobre memória e disputas midiáticas. Adota-se a abordagem da mídia como ambiente sensível (Sodré, 2008), sendo as apresentações analisadas como produtos estético-midiáticos a partir dos estudos da performance, mídia e cultura. A análise

¹ Trabalho apresentado no GP Estéticas, Políticas do Corpo e Interseccionalidades, do 25º Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 48º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP). Bolsista Capes. E-mail: natalia.amaral@aluno.ufop.edu.br

considera como a dor é estetizada e reinscrita no corpo de Cudi, com apoio de Hall, Fisher, Pelbart e Rancière.

A referência a Cobain reinscreve a dor em um corpo atravessado por gênero, raça e de saúde mental, ativando o passado como estética (Huyssen, 2014) e mobilizando afetos entre temporalidades fragmentadas. Fisher (2020) define “melancolia cultural” como retomada de futuros abortados e Cudi ativa essa memória tencionando normas de representação (Hall, 2003) ao usar um vestido, propondo uma masculinidade que afirma a vulnerabilidade como resistência (hooks, 2022).

A performance da dor adquire densidade política (Kehl, 2009), atravessa regimes de estetização (Rancière, 2005) e, por estratégias sensíveis (Sodré, 2008), rompe normas representacionais. O corpo de Cudi vira disputa de sentidos na mídia contemporânea, reconfigurando o sofrimento, antes performado em um símbolo branco-grunge. Sua aparição não apenas representa, mas produz e negocia sensibilidades. A estética da dor se torna linguagem de existência, resistência e articulação entre passado e presente.

Ao reinscrever a estética do grunge (historicamente marcada pela branquitude e masculinidade frágil), Cudi ativa uma memória cultural complexa, transformando a dor em linguagem política. Sua homenagem não só evoca, mas é resistência simbólica: entre afeto, mídia e memória, disputando sensibilidades e presenças no contemporâneo.

Referências Bibliográficas

- BARBOSA, André Antônio. **A potência estética da nostalgia**. Revista Serrote. São Paulo; Rio de Janeiro: IMS, 2014.
- BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Belo Horizonte: UFMG, 1998.
- FISHER, Mark. **Fantasma da minha vida**: escritos sobre depressão, assombrologia e futuros perdidos. Tradução: Guilherme Ziggy, - São Paulo, SP: Autonomia Literária, 2022.
- FISHER, Mark. **Realismo Capitalista**: é mais fácil imaginar o fim do mundo do que o fim do capitalismo. Tradução de Rodrigo Gonsalves, Jorge Adeodato e Maikel da Silveira. 1. ed. - São Paulo: Autonomia Literária, 2020.
- KEHL, Maria Rita. **O tempo e o cão**. São Paulo: Boitempo, 2009.
- HALL, Stuart. **Da diáspora**: identidade e mediações culturais. Belo Horizonte; Brasília: UFMG; Unesco, 2003.
- HAN, Byung-Chul. **No enxame**: perspectivas do digital. Tradução de Lucas Machado. - Petrópolis, RJ: Vozes, 2018.
- hooks, bell. **a gente é dahora**: homens negros e masculinidade. Tradução de Vinícius da Silva. São Paulo: Elefante, 2022.

HUYSSSEN, Andreas. **Culturas do passado-presente**: modernismos, artes visuais, políticas da memória. Rio de Janeiro: Contraponto; MAR, 2014.

PELBART, Peter Pál. **Ensaio sobre o assombro**. N-1 edições. Maio, 2019.

RANCIÈRE, Jacques. **A partilha do sensível**: estética e política. Tradução de Mônica Costa Netto. - São Paulo; EXO experimental org.; Ed. 34, 2005

SODRÉ, Muniz. **As estratégias sensíveis**: afeto, mídia e política. Petrópolis: Vozes, 2008.